

O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo
comprehendam...

AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

... ad ea quae sunt priora extendens melius
ad destinatum persequor, ad bravium
triumphi Ecclesiae... in Christo Jesu.

ID. 13. 14.

SUMMARIO:—*O Papa!* pela redacção.—Secção Religiosa: *A União Catholica*—*A Vos da Egreja atravez os labios do Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Arcebispo de Perga; Estudos Biblicos—Os Proverbios*, por J. C. de Faria e Castro.—Secção Scientifica: *Os principios catholicos perante a razão, XVI—A Egreja catholica*, por D. Francisco Xavier Garcia Rodrigo.—Secção Historica: *O Diluvio e o Arco Iris*, pelo Padre João Vieira Neves Castro da Cruz.—Secção Critica: *A obra da festividade de N. S. da Guia no Avelar*, por Alves d'Almeida.—Secção Litteraria: *O marinheiro*, poesia, por Joaquim Pestana.—Secção Illustrada: *I, S. Thomas d'Aquino, Dr. da Egreja; II, Agar no deserto; III, Basilica da Estrella em Lisboa*, por R.—Retrospecto da Quinzena, por J. de Freitas.

GUIMARÃES 15 DE MAIO DE 1887

O PAPA!

DE pé, em meio da barca velusta que as tempestades de todos os seculos teem respeitado, ergue-se, em pleno seculo dezenove, afrontando com o riso nos labios todos os embates, a figura veneranda do Vigario de Jesus Christo.

Nem as alavancas que a Revolução afincara a esse edificio gigante; nem os canhões dos principes acestados d'elle em frente; nem os luzidos esquadões dos cavalleiros sardos; nem as bayonetas e sabres da soldadesca garibaldina, poderam romper, lascar essa pedra que o Filho de Deus lançara a terra, para ser o alicerce da mais formidavel das instituições.

E quando os filhos de Satanaz batiam palmas; quando as casúas do maçonismo se regosijavam, por-

que a sua obra estava completa, porque o Papa ia morrer envolto nos escombros do Vaticano, eis que o Papa, do centro d'esse quadrado de tropas que a Revolução formára em volta d'Elle, ergue a voz desassombadamente, e duzentos

e cincoenta milhões de catholicos curvam-se reverentes para acatar os ensinamentos do descendente de Pedro, e os chefes da Revolução, como tomados de medo, perguntam-se:—o Papa ainda

os Cesares deixaram aos Papas e, uma vez alli, fulminam a Revolução, concedem garantias à Egreja, e, depondo as armas, apagando os morrões de seus artilheiros, pedem a intervenção do

Prisioneiro do Vaticano nas suas grandes questões, e as partes interessadas, armadas té os dentes, curvam-se ante a vontade do Papa, e a paz continua a reinar entre ellas.

As grandes questões politicas, que dilaceram e corroem as nações, acalmam-se à voz do Papa, e as leis contrarias à Egreja, que a Revolução fizera ditar aos principes, é rasgada nos parlamentos com pasmo dos coripeus de todos os erros e de todas as seitas.

E ao aproximar-se o dia memoravel do Jubileu Sacerdotal de Leão XIII, os reis, os principes, as associações de todo o mundo, redobram de esforços para ver qual mais dignamente se apresenta aos pés do Principe dos Apostolos, affirmando o seu amor à Egreja, a sua dedicação filial ao Pae commum de todos os fleis.

Caso estupendo e digno de collocar-se

na primeira plana dos extraordinarios acontecimentos que mais tem assombrado os seculos! O Papa prisioneiro é o arbitro das nações, e a prisão do Papa, o foco de luz, d'onde irradiam raios luminosos, que offuscam o brilho de



S. THOMAZ D'AQUINO, DOUTOR DA EGREJA

todos os poderes da terra, para só deixar contemplar o poder que vem de Deus!

E como só um milagre podia obrar taes prodigios, cremos que ainda havemos admirar mais. Em épocas não remotas, os carcereiros do Papa, se eram os mesmos que vão aos pés do Papa pedir-lhe que aceite a liberdade, que retome o logar que lhe pertence na cidade eterna, e que estenda os seus zuavos por todas as terras de Italia onde a bandeira da Igreja tremulava antes da sacrilega entrada em Roma pelos bandoleiros do Piemonte.

Havemos vêr isso, e quando o virtuosos todos bradaremos:—Viva o Papa-Rei!

A REDACÇÃO.

SECÇÃO RELIGIOSA

A União Catholica

A Voz da Igreja através os labios do Ex.^{mo} e R.^{mo} Sr. Arcebispo de Perga

Dom Augusto Eduardo Nunes, por mercê de Deus e da Sancta Sé Apostolica Arcebispo Titular de Perga, Coadjutor com futura successão do Arcebispado d'Evora, Doutor na sagrada Theologia pela Universidade de Coimbra, etc.

Ao Illustrissimo e Reverendissimo Cabido, Reverendissimos Desembargadores e Vigarios da Vara, Reverendos Parochos e mais Clero d'esta Archidiocese Metropolitana d'Evora, Saude e Benção em Jesus Christo Salvador Nosso.

ERÁ talvez sabido já de todos vós, charos cooperadores e irmãos em JESUS CHRISTO, como o Sanctissimo Padre Leão XIII, que por mercê da Providencia actualmente rege com tanta sabedoria e gloria a Igreja Universal, respondendo a uma mensagem collectiva em que o Episcopado Portuguez lhe manifestára os seus sentimentos de regosijo a proposito da Concordata relativa ao Padroado do Oriente, dirigiu a todos os Prelados d'este Reino uma Carta Encyclica, que começa pelas palavras—*Pergrata Nobis accidit*, datada de 14 de setembro ultimo.

Comquanto ésta Encyclica tenha sido já profusamente vulgarizada pelos periodicos catholicos, pareceu-Nos conveniente dar conhecimento official d'ella a todo o Reverendo Clero d'este Arcebispado; e assim, offerecemos a cada um de vós, e remettemos com ésta Nossa Carta Pastoral, um exemplar da traducção em vulgar approvada pela Nunciatura Apostolica.

Como sem duvida reconheceréis pela leitura d'este importantissimo documento pontificio, é elle mais uma brilhante demonstração da sollicitude paternal,

das sapientissimas vistas, dos sanctos principios, das rectissimas normas, do amoroso desvelo e da infatigavel energia com que o Excelso Pontifice Leão XIII governa a Igreja, defende os interesses catholicos, apascenta a grei de Christo, e cura da sanctificação e salvação das almas; e ao mesmo tempo é um claro penhor do grande affecto que consagra á nossa gloriosa e muito amada patria, um indiscutivel testimonho do vivo empenho com que deseja e busca promover nella a plena regeneração religiosa, a livre e fecunda acção do Catholicismo, o robustecimento e a expansão dos grandes principios e altos sentimentos de fé e piedade a que Portugal deveu o seu pristino esplendor, e de cujo amortecimento proveiu sem duvida a sua actual decadencia.

Estou bem persuadido de que, ao lerdes essas aureas paginas, sentireis, como Nós havemos sentido, os vossos corações de Padres Catholicos agitados pelas dôces e fortes commoções da admiração mais profunda, da gratidão mais viva, da veneração mais respeitosa, da dedicação mais completa, do amor mais sincero e filial a esse Grande Sa bio e Grande Sancto a quem o Divino Fundador da Igreja Catholica constituiu seu Vigario nestes tempos de lucta e de tribulação. E igual é a Nossa persuasão de que, d'envolta com esses affectos e como natural producto d'elles, sentireis tambem o desejo e formareis o proposito de, por vossa parte, obedecer aos dictames, seguir os conselhos e realizar os votos d'esta Encyclica, e cooperar com o Sancto Padre, quanto o permitta a vossa esphera, para que melhorem as condições das cousas religiosas em o nosso Paiz.

Nesta convicção e esperanza é que Nos resolvemos a dirigir-vos agora a palavra, a vós, que, sendo os Nossos prestimosos auxiliares no apascoamento dos fieis da Archidiocese Eborense, não Nos recusareis certo o vosso concurso em tam momentoso objecto e para tam util, tam necessario, tam glorioso, tam sancto fim.

E' verdade que os conselhos e indicações do Soberano Pontifice na Encyclica *Pergrata Nobis accidit* se dirigem especialmente aos Bispos; não é porém menos certo que pouco ou nada podem os Bispos conseguir em ordem á realização de alguns dos intuitos e desejos do Pastor Supremo, sem a coadjuvação efficaz do Clero, e maiormente dos Parochos, que, estando em contacto immediato e constante com os fieis, mais valiosamente podem actuar nos espiritos e nos corações, e trabalhar na regeneração religiosa do povo portuguez. (1)

(1) Chamâmos em particular a vossa attenção para as seguintes palavras do Sancto

Sim, Reverendos Parochos, ésta regeneração depende principalmente de vós, da vossa acção, dos vossos esforços: está nas vossas mãos,—podêmos asse- gurar-o, sem receio de que Nos julguem exaggerado,—está nas vossas mãos o futuro religioso d'esta Diocese, d'esta vinha do Senhor de que sois cultores, d'esta porção de rebanho fiel confiada aos vossos cuidados pastoraes.

O Parocho que lide e forceje deverá por se desobrigar accuradamente dos multiplos e graves deveres do seu ministerio, e seja em verdade, entre os seus filhos espirituaes, luz e sal, Mestre e Medico, Pastor e Pae, raro deixará de ver fructificar cento por um o grão semeadado nas almas dos fieis.

Ha excepções, não o ignorâmos. Ha terrenos safaros e ingratos, que só um milagre da graça divina poderia fecundar. Ha circumstancias que desalentam os mais animosos obreiros. Ha propagandas que neutralizam todos os esforços. Ha influencias que impedem todo o bem. Mas são excepções. A regra geral é que o bom parocho fórma a freguezia á sua imagem.

O parocho tem mil ensejos de influir na moralização e sanctificação dos individuos e das familias; tem mil meios de tornar fecundo o seu ministerio, acatada a sua auctoridade, efficaz a sua acção: o bom exemplo, a exactidão em todos os seus actos, a gravidade em todas as suas funcções, a prégação, a catechese, o confessionario, o conselho particular, a visita dos enfermos, as obras de charidade, a affabilidade no tracto... quantas alavancas potentissimas nas mãos d'um operario de boa vontade!

D'estes meios ha um sóbro todos valioso: é o ensino e a educação christã da puericia. O entendimento d'um homem adulto pôde cerrar-se na cegueira

Padre:—Depois d'isto muito grande e especial deve ser a vossa vigilância sobre os presbyteros, afim de que quanto mais minguado é o numero dos obreiros, tanto mais activos se tornem no cultivo da vinha do Senhor. Aquelle dicto do Evangelho, *a ceara é verdadeiramente grande*, parece na verdade que pôde applicar-se a vós, porque os portuguezes costumaram sempre ter grande amor aos ensinamentos religiosos, e os recebem com anciedade e bom rosto, se nos sacerdotes, seus mestres, reconhecem que ha os adornos das virtudes, e os abonos do saber. E' portanto pasmoso quanto ha de vir a ser proveitosa a acção do Clero no ensino do seu povo, e principalmente dos mancebos, sendo digna e desveladamente empregada. Mas averiguado está, que para gerar nos homens e alimentar o amor á virtude, valem acima de tudo os exemplos; e por isso todos aquellos que tem a seu cargo officios sacerdotaes, façam não sómente por não ser advertida 'nelles cousa alguma desconveniente dos deveres e do caracter da sua ordem, mas por sobressair na sanctidade do costumes e da vida, como *luzeiro sobre o candleabro*, para que alumie a todos os que estão na casa. (Encycl. pag. 10.)

voluntaria e fazer-se rebelde ao lume da fé; o seu coração pôde repellir com desdem ou deixar passar com indifferença as advertencias e os preceitos, as promessas e ameaças, as consolações e esperanças, a sublime e encantadôra poesia, a energica e suave influencia da Religião; mas a alma do menino ou do adolescente ainda não crestada pelo sopro da descrença, ainda não manchada pela peçonha do vicio, recebe com facilidade, com prazer, com amor as crenças e os sentimentos religiosos. Os proprios mysterios altissimos, que a razão dos maiores genios não pôde comprehender, acceita-os a intelligencia da creança como proposições muito naturaes, muito consentaneas ao seu pensar, muito dignas de firmissimo assenso. Dirieis que aquelle espirito infantil mais se recorda de verdades já sabidas, do que aprende novas doutrinas.

Aproveitae pois, amados cooperadores, aproveitae com sollicitude a influencia que por este meio podeis exercer nas idéas e nos costumes, nas crenças e nos sentimentos das gerações futuras. Instrui e educae christãmente os meninos. Ensinae-lhes, explicae-lhes, tornaehes perceptivel a doutrina catholica, o *catolicismo*, esse precioso livrinho, que em suas breves e singelas fórmulas encerra thesouros de sabedoria mais opulentos que os da philosophia toda de Grecia e Roma! Aconselhae, instae, persuadi aos paes que não deixem medrar á solta na ignorancia, no desleixo, na licenciosidade das ruas os filhos que Deus lhes confiou em deposito, e de cuja sorte lhes tomará contas estreitas. Usae tambem da vossa auctoridade moral para que os professores de instrucção primaria não omittam nem adulterem o ensino da doutrina christã, e sejam sollicitos em dar aos seus discipulos bons conselhos e bons exemplos.

(Continúa).

Estudos Biblicos

Os Proverbios

Se buscarmos o livro da *Sabedoria pratica* o mais popular, é nos *Proverbios* do rei Salomão que o encontramos. Todavia, que se não tome aqui a denominação de *Proverbios* na sua significação trivial; mas como breves sentenças, maximas, e lições instructivas escriptas sob a forma a mais conciza.

Nos *Proverbios*, o rei Salomão tem principalmente por fim instruir a mocidade, e conduzi-la á felicidade pela virtude.

Tem causado espanto a alguns criti-

cos o encontrar-se no livro dos *Proverbios* capitulos litteralmente cheios de circumstancias descrevendo a mulher impudica; sim, é verdade; mas tão ampla enumeração é feita com o fim de prevenir o mais que possa os leitores contra os disfarces das mulheres insidiosas. E' para precatar o damno que trazem os seus ademões, para pintar as vergonhosas e funestas consequencias de quaesquer relações illicitas, emfim, para desviar a mocidade do caminho que conduz ao abyssmo: acaso não é digno de um philosopho as felizes pinturas dos quadros seguintes?

«Não te deixes—diz Salomão a seu filho—ir atraz dos artificios da mulher cortezã, porque os seus labios são como o favo que destilla o mel, mas o seu fim é amargoso como o absynthio, e talhante como a espada de dous gumes. . . Porque lhe darias a tua honra, os teus annos e os teus bens? . . . Que a tua fonte seja pura. Vive alegre com a mulher que tomaste na tua adolescencia, que ella seja para li a corça que muito amas, e o teu engraçadissimo veadinho: os seus peitos te embebedem em todo o tempo, no seu amor busca sempre o teu prazer.» (1)

Outro quadro ainda mais fino é o retrato que faz Salomão da mulher forte e das suas qualidades moraes. Eil-o:

«Ella é meiga, sagaz e activa; ella soccorre o allicto; falla com discernimento, e a lei da clemencia está sempre nos seus labios. Todos os dias ao levantarem-se seus filhos, a aclamam ditosissima, e seu marido diz: Muitas filhas ajuntáram riquezas: tu excedeste a todas: a graça é enganadora, e a formosura é vã; mas a mulher que te fôr egual é a que será louvada.» (2)

Que se comparem, pois, estas sabias maximas com a extravagante falla de Metello Numidico ao povo romano: «Se possivel fôsse o passar-se sem mulheres, d'esse mal nos livrariamos; mas como a natureza estabeleceu que de nenhum modo podemos viver felizes com ellas, nem subsistir sem ellas, forçoso é ter-se mais em consideração a nossa conservação que quaesquer prazeres passageiros.»

Muito melhor conhece a dignidade da mulher Salomão, e mais judiciosamente aprecia elle as relações que devem existir entre os dois sexos.

Cremos, com o que fica dito, ter debancado os criticos que quizessem ver pensamentos obscenos no livro dos *Proverbios*. E Salomão na linguagem mais sublime falla ainda ao filho assim:

«Filho meu, guarda as minhas expressões, e esconde dentro de ti os meus preceitos.

(1) Capitulo v.

(2) Cap. xxxi, v. 10-31.

«Filho, observa os meus mandamentos, e virirás: e guarda a minha lei como a menina do teu olho.

«Traz-a atada aos teus dedos, escreve-a nas taboas do teu coração.» (1)

* * *

A virtude moral como regra de bem obrar em tudo, é o assumpto mais particular dos *Proverbios*.

A forma da poesia philosophica d'este livro sagrado é a didactica; poesia ainda na sua juventude, e que no principio apenas consistia em ditos sentenciosos soltos e faceis a decorar.

Estes axiomas, adornados com todos os attractivos poeticos, eram, para assim dizer, leis fundamentaes, que não davam azo a discussão alguma. E para que estas leis ou mandamentos não causassem qualquer medo na gente ignara e rude, eram encerradas em breves sentenças mellifluas, mui cheias de imagens e de figuras, não só impressivas pela essencia das coisas, senão tambem pelo lustre das expressões.

Este methodo seguido entre todos os povos, ao menos nos primeiros tempos, ficou sempre vigorando entre os Hebreos. E foram estes que deram até a este genero litterario a denominação particular que se traduz pela palavra *parabola*.

* * *

O livro dos *Proverbios* é uma collecção de sentenças soltas, e por isso mesmo pouco susceptiveis de analyse.

Todavia n'elle se acha uma especie de divisão.

Os nove primeiros capitulos servem-lhe como de prologo ou de exordio; e é ahí que sobresaie o elogio da Sabedoria, manifestado sob differentes phases.

Esta parte distingue-se das demais assim pela forma como pelos pensamentos. E' notavel aqui todo o ornato da poesia; a narrativa é sem descontinuar formosissima e as imagens brilhantissimas; o estylo é elegante, privilegiado e por vezes sublime.

N'este prologo, Salomão falla quasi sempre; e é a um interlocutor que chama filho a quem elle se dirige. Por vezes é o pae de Salomão que toma a palavra, como no capitulo iv, quando o auctor refere os preceitos recebidos de seu pae. Ainda por vezes, é a propria Sabedoria, que, por uma especie de prosopopeia, se faz repentinamente ouvir e de si mesma faz o mais grandioso elogio.

«O Senhor me possuiu no principio de seus caminhos, desde o principio antes que creasse cousa alguma.

«Desde a eternidade fui constituida,

(1) Cap. vii, v. 1. 2. e 8.

e desde o principio, antes da terra ser creada.

«Ainda não havia os abysmos, e eu estava já concebida: ainda as fontes das aguas não tinham arrebetado: ainda se não tinham assentado os montes

«quando firmava lá no alto a região etherea, e quando equilibrava as fontes das aguas:

«quando circumscrevia ao mar o seu termo, e punha lei ás aguas, para que não passassem os seus limites: quando

está reproduzida sob a fórma narrativa (v. 1-6). O estylo é ahí vivo, engenhoso, interessante. Salomão aqui traçou o retrato da mulher insensata chamando a si os homens que passavam pela rua para os perder; é o erro opposto á ver-



AGAR NO DESERTO

sobre a sua pesada massa: antes d'haber outeiros, era eu dada á luz:

«ainda elle não tinha feito a terra, nem os rios, nem tinha firmado o mundo sobre os seus Pólos.

«Quando elle preparava os céos, eu me achava presente: quando com lei certa, e dentro do seu ambito encerrava os abysmos:

sustentava pendentes os fundamentos da terra.

«Estava eu com elle regulando todas as cousas: e cada dia me deleitava, brincando em todo o tempo diante d'elle (1).

No capitulo seguinte, esta prosopopeia

(1) Cap. viii, 22-30.

dadeira sabedoria. A allegoria é evidente; porquanto, os retratos formam um contraste perfeito.

* * *

Os Proverbios só principiam, em verdade, no capitulo segundo. Os pensamentos que os completam rolam sobre a moral; elles não teem entre si con-

nexão alguma e as diversas maximas veem sem ordem umas após outras.

No capitulo xxii, Salomão torna a tomar a palavra e quebra assim a uniformidade d'estas sentenças soltas.

No capitulo xxv, avizam-nos que os proverbios seguintes são ainda da lavra de Salomão, mas que foram colleccionados pelos familiares de Ezechias, rei de Juda.

O capitulo xxx põe em scena um homem dotado do espirito prophético, e exprimindo-se por enigmas que resolve após tel-os manifestado.

Emfim no xxxi e ultimo capitulo, apparece ainda um novo personagem,—é a mãe de Salomão. E o principe recorda os discursos que lhe fez ella outr'ora. E' aqui que vem o famoso retrato da mulher forte (v. 10-31), retrato simples, ingenuo, commovente e de uma belleza sem senão. Pode-se considerar estes dois capitulos como o epilogo do livro.

(Continua)

J. C. de Faria e Castro.

SECÇÃO SCIENTIFICA


Os principios catholicos perante a razão

(Continuado do n.º 12)

XVI

A Igreja catholica

O protestantismo reconhece a auctoridade dos primeiros concilios geraes.—Reflexões.—Jurisdição universal concedida a S. Pedro.—A jurisdição pontificia exercida desde S. Pedro.—Todos os concilios foram convocados e presididos pelos Papas ou por seus legados.—O regulamento para o governo da Igreja protestante.—Reflexões.—Caracteres da Igreja catholica.—Reflexões.—O procedimento de Lutero mostra que esta heresia careceu de missão para reformar a Igreja.

 RELIGIÃO cujo chefe supremo é o Pontifice romano, tem as condições necessarias de unidade e sanctidade. Só esta Igreja pôde ser catholica: é a unica apostolica, como o provaremos mui succintamente e depois da seguinte reflexão, deduzida das proprias crenças protestantes.

Todas as escholas do protestantismo reconhecem a divindade da maior parte dos livros que formam o Antigo e o Novo Testamento, e todas ellas acceitam as decisões conciliares dos cinco primeiros seculos da Igreja, bem como a auctoridade dos Sanctos Padres d'aquelle tempo.

Reconhecem igualmente em Jesus Christo o verdadeiro Redemptor designado nas prophcias, e crêem que a sua religião é a unica verdadeira e a unica perpetua.

Promoveu-se no seculo XVI certa dis-

puta sobre as indulgencias, da qual surgiram questões mais graves, creando-se por fim a Igreja chamada protestante, com a inaudita pretensão de ser a unica que entende com acerto e com verdade as doutrinas da religião christã.

Logo a Igreja permaneceu em erro até o apparecimento de Martinho Lutero. Como se concilia então a perpetuidade da Igreja fundada por Jesus, com a sua permanencia no erro durante tantos seculos?

E se o protestantismo reconhece a auctoridade dos quatro primeiros concilios geraes, como é que os protestantes negam os dogmas, a jurisdição e a disciplina que aquellas assembleas confessaram e reconheceram?

Os Apostolos reuniram-se tres vezes em Jerusalem para a eleição de S. Mathias e dos diaconos e para abolir as praticas mosaicas, e n'estes concilios lá vemos S. Pedro a dirigir as deliberações: as suas palavras são as unicas textuaes, consignadas nas actas, e a sua narração nos indica que a jurisdição do Principe dos Apostolos era respeitada por aquelles homens sanctos, nos ouvidos dos quaes resoavam ainda as palavras terminantes com que Jesus Christo instituiu o primado de honra e de jurisdição do primeiro Pontifice e de todos os seus legitimos e verdadeiros successores da Igreja romana. *Tu es Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja* (1).

Em Roma celebraram-se concilios no segundo seculo presididos pelos Papas, os quaes accordaram nos actos de jurisdição romana, assim como nas encyclicas pontificias, que deviam ser dirigidas cada anno a todas as igrejas, fixando o dia para a celebração da paschoa.

Exerceram actos de jurisdição os primeiros Papas: S. Telesphoro ordenou se observassem os jejuns da quaresma instituidos pelos apostolos, e S. Zephirino, que todos os fleis commungassem pela paschoa.

Os papas Anacleto, Evaristo, Alexandre, Sixto e seus successores, no seculo II da Igreja, ordenaram, entre outros assumptos importantes, que os bispos fossem consagrados por outros bispos, que o sacramento do matrimonio fosse publico, que houvesse agua benta nas igrejas, e se deitasse agua no vinho destinado á consagração. Instituiram as tres missas da Natividade, dispozeram que o baptismo se administrasse com a assistencia de padrinhos, que se celebrasse a paschoa ao domingo, que os clerigos trouxessem corôa aberta e que os fleis commungassem em quinta-feira sancta.

Os Papas do seculo III exerceram

(1) S. Math., cap. XIV, vers. 18.

igualmente a sua jurisdição universal ordenando os jejuns das quatro temporas, que os vasos sagrados sejam de metaes preciosos, e dictaram varias disposições referentes á vida particular dos clerigos e sobre a transferencia dos bispos.

Os Pontifices dos seculos seguintes continuaram do mesmo modo a exercer a sua jurisdição e auctoridade por actos que todos os bispos sempre acceitaram e cumpriram.

Os concilios dos seculos III e IV da Igreja foram todos celebrados com approvação e conhecimento dos Papas; mas só fazemos menção dos de Nicêa e Constantinopla, que são os dois primeiros geraes em que se reuniu solememente a Igreja universal convocada pelos sanctos pontifices Silvestre e Damazo, e trezentos e dezoito bispos foram presididos em Nicêa pelo prelado hespanhol Osio, representando S. Silvestre, como os legados de S. Damazo presidiram aos Padres reunidos em Constantinopla.

O Papa celebrou em Epheso o terceiro concilio geral, ao qual, em seu nome presidiu S. Cyrillo; e o concilio IV da Igreja, reunido em Calcedonia, foi tambem presidido pelos legados de S. Leão o Grande.

Logo é certo e indubitavel que a jurisdição do Pontifice romano foi reconhecida e acatada pelos primeiros quatro concilios geraes da Igreja.

No capitulo primeiro do regulamento impresso em Londres no anno de 1719 (1) para o regimen e governo da igreja protestante reconhece-se a auctoridade d'estes concilios, e no capitulo V determina-se igualmente que os auctores ecclesiasticos dos primeiros cinco seculos designaram os livros canonicos, refutaram os erros e escreveram a historia da Igreja com a maior exactidão.

E' flagrante a contradicção dos doutores reformados, pois confessando a auctoridade canonica dos quatro primeiros concilios geraes, rejeitam a auctoridade do Papa, reconhecida e solememente respeitada por aquellas assembleas: e se a Igreja conservou a pureza dos seus dogmas durante cinco seculos, onde foi que esteve a verdade christã até o seculo XVI? E' possivel que permanecesse no erro tantos annos essa Igreja, á qual Jesus Christo prometteu assistir perpetuamente? A divina fundação do Redemptor com os seus

(1) Com o titulo de *Regni Angliae sub imperio Reginae Elisabethae religio et gubernatio ecclesiastica*. Os protestantes não podem desconhecer a auctoridade d'este regulamento. A reforma da Igreja anglicana, creada por Henrique VIII, foi accordada por acta do Parlamento de 1517, e a rainha Isabel, se bem que mandou levar-a a effecto, fez com que fossem adoptadas as doutrinas lutheranas que ella professava.

dogmas, com a sua disciplina e sua liturgia chegou ao seculo XVI, em que um theologo soberbo ataca os seus mysterios e destroe inconsideradamente aquella admiravel disciplina e bellissima liturgia, formando uma seita que deu em chamar-se Igreja reformada, seita que bem depressa se divide em numerosos e discordes partidos.

E' racional e logico que esta Igreja desunida seja divina e verdadeira, creando um vacuo espantoso de dez seculos, em que o erro campeou com toda a liberdade?

Se a Igreja verdadeira deixasse de existir por breves instantes, perderia o seu caracter de perpetua, faltando além d'isso a solemne promessa de Jesus; e como o Redemptor não pôde enganar-se nem enganar os Apostolos com fementidos offercimentos, são os protestantes que erram e enganam os ignorantes e incautos com as suas doutrinas tão contradictorias como absurdas.


Continua.

D. Francisco Xavier Garcia Rodrigo.

SECÇÃO HISTORICA

O Diluvio e o Arco Iris

ESTUDO HISTORICO-CRITICO

EGUNDO refere a Escripura Sagrada, livro divino contra o qual tem sido impotente, e sempre o será, a incredulidade e a chamada sciencia moderna, houve na primeira idade do mundo uma inundação do globo terrestre: é conhecido este cataclysmo com o nome de diluvio universal.

Este grande acontecimento, que marca uma epocha notavel na historia, realisou-se, conforme o computo ordinario, no anno de 1656 da creação do mundo.

Tornando-se geral a corrupção, e irritado o Senhor da ingratição dos homens, resolveu extinguir o genero humano, e para este fim escolheu uma grande inundação que submergisse o globo. Exceptuou d'este terrivel castigo Noé e sua familia. O santo Patriarcha foi constituido pae d'uma nova geração.

Como Noé era o unico justo que existia sobre a terra, no meio da geral depravação, foi elle com sua familia reservado para perpetuar a raça humana. Advertido por inspiração celeste, construiu uma grande arca ou baixel, onde se encerrou com sua familia e com os animaes que Deus lhe indicou. Em seguida chuveu torrencialmente durante cinco mezes, perecendo tudo, excepto as pessoas e os animaes mettidos na arca.

Logo que se retiraram as aguas, a

arca parou no monte Ararat, e, conhecendo Noé que a face da terra voltara ao seu antigo estado, saiu da arca.

Este facto, um dos mais memoraveis do mundo, tem sido transmittido de geração em geração a todos os povos, ficando eternamente gravado na memoria dos homens; a successão dos seculos não tem tido força para lhe apagar a data.

Assim em todas as nações, ainda as mais barbaras, existe a tradição acerca d'um grande diluvio que destruiu todo o genero humano, menos um pequeno numero de pessoas que se salvaram n'um baixel.

Esta crença geral, se bem que desfigurada pela fabula, deriva-se da tradição verdadeira, consignada no Genesis.

O facto do diluvio a ninguem é desconhecido, e parece ser sentimento da consciencia humana. Não ha pessoa, por mais analphabeta que seja, que não falle d'um outro mundo, querendo assim significar o tempo anterior ao grande cataclysmo.

Não pretendemos aqui demonstrar um facto, do qual existem numerosos vestigios, e tão palpaveis, que a final o mesmo philosophismo recuou confuso. A sciencia, designadamente a geologia, invocada contra a existencia do diluvio da Biblia, veio confirmar um facto, aniquillando todas as objecções dos incredulos.

Se escutarmos o incredulo, ouviremos o dizer:—Essa historia do diluvio, qual a refere Moysés, é ridicula, absurda e em tudo incrível. E' improprio d'um Deus servir-se d'uma barca para salvar o genero humano, e ainda mais todas as especies de animaes, quaesquer que sejam, como os vis reptis, segundo afirma o texto. Quem não riria ao ver entrar no baixel a lagartixa, a formiga, a minhoca, o caracol e outros mil animalejos? Se Deus quiz destruir os viventes terrestres, conservando as diferentes especies, tinha mil modos de o fazer que lhe fossem mais proprios.

Resposta. Se os incredulos entrassem na divina economia, não dariam o nome de ridiculas ás obras de Deus que sempre são grandes.

Querendo Deus castigar os homens, quiz juntamente levantar um monumento que eternisasse a crença da sua existencia, da sua justiça e da sua providencia. Quiz dar um grito, para que assim diga, que todas as gerações ouvissem; um grito que dissesse: Ila um Deus; um Deus Grande, Creator, Omnipotente, Justo, Providente.

Principiando em certo modo um novo mundo, para documentar as novas gerações, convinha acabar com as antigas d'um modo estrepitoso que servisse de

exemplo e memoria eterna, e juntamente dêsse conhecimento de Deus e da Religião que estava quasi esquecida.

N'este sentido nada mais proprio do que o diluvio, porque por muitos seculos não poderia esquecer um tal acontecimento. D'elle tomariam occasião os paes de doutrinar os filhos, ensinando-os a conhecer a Deus e a cumprir a sua lei.

Mas eu não disse bem afirmando que a lembrança do diluvio duraria por seculos: ella ainda dura e durará até a consummação dos seculos. Não ha nação alguma que não possua esta crença.

Emquanto ao absurdo da entrada na arca de todas as especies de animaes e reptis, diremos que, apesar da expressão do texto sagrado, não estamos obrigados a tomal-a em sentido absoluto. No estylo dos escriptores sagrados muitas vezes se toma pelo todo a maior parte. E esta mesma phrase se usa em todas as linguas.

Sem fazermos, pois, injuria ao texto, podemos sustentar que então não existiam todas as especies de viventes que agora conhecemos. Elles diversificam infinitamente, e são proprios d'uns paizes, com excepção d'outros. Salva-se o texto do Genesis admittindo que entraram na arca todos os viventes então creados e conhecidos.

Saindo Noé da arca, refere-nos a Escripura Sagrada a appareção d'um maravilhoso phenomeno na atmospheria, um meteoro luminoso que se conhece com o nome de arco iris.

Eis o que disse Deus a Noé e seus filhos:

«Não haverá outro diluvio que assole a terra, e eis o signal da alliança que faço convosco. Eu porei o meu arco nas nuvens, e será o signal da alliança entre mim e a terra. Quando eu cobrir o ceu de nuvens, ahi apparecerá o meu arco, etc.»

Assim o arco iris é um signal de alliança e promessa de Deus, de nunca mais alagar a terra com outro diluvio. E d'aqui se deduz que apoz o diluvio appareceu na atmospheria aquelle meteoro.

Mas ha aqui uma difficuldade que muitos incredulos apresentam como argumento para ridiculisarem a historia do diluvio, referida por Moysés.

O arco iris resulta da refração e reflexão dos raios do sol, combinadas conjuntamente nas gotas de agua e de uma nuvem opposta ao sol. Todas as vezes, pois, que o sol, dardejando seus raios sobre a nuvem, e esta lança agua da parte contraria, apparece aos olhos este phenomeno.

O mesmo se nota em um jacto de agua para o ar da parte opposta ao sol, assim como na chama da vela, vista de noite com os olhos humedecidos.

Em vista d'isto, parece certo que o arco iris deveria ter apparecido millhares de vezes antes do diluvio, sendo como é um phenomeno natural. E' tambem provavel que Noé o tivesse visto muitas vezes. Como, pois, faz Moysés dizer a Deus que *porá* o seu arco nas nuvens?

Mas em vão se esforçarão os incredulos por desacreditar o sagrado escriptor; não é com uma palavrinha que se destroe a historia de Moysés.

Primeiramente é de crer que em todo o tempo do diluvio não apparecesse o arco iris. Effectivamente este meteor não se vê quando o ceu está carregado de espessas nuvens, como deveria acontecer durante a grande inundação.

Assim podia dizer Deus:—*Ku porei o meu arco nas nuvens*, ou, *Eu passo a fazer apparecer outra vez o meu arco*.

Isto affirmamos na supposição de que o arco iris não era uma cousa nova, tendo-se já por muitas vezes visto antes de Noé entrar na arca.

Se, porem, realmente elle já tinha apparecido algumas vezes desde a criação do mundo, não é factó certo; apenas se pôde mostrar por supposição, dizendo: é de crer, é provavel.

Assim como se passam muitos tempos em que, chuvendo, não apparece este phenomeno, tambem poderia passar todo o tempo anterior ao diluvio sem ser visto.

Alem d'isso, com o diluvio poderiam variar as causas que nós apenas conhecemos pelos effectos.

Admittido isto que nenhuma repugnancia ou absurdo pôde offerecer, nada mais natural que termos por muito possivel a primeira appareção do arco celeste depois do diluvio.

Esta explicação dá-se tomando a expressão no mesmo tempo futuro em que a põe a nossa Vulgata.

Em segundo lugar diremos que os verbos hebraicos ordinariamente são participios indeterminados. E d'este modo as palavras do texto tanto se podem entender no futuro, como no presente ou no preterito.

Para traduzir, pois, na inteira propriedade do sentido, se deveria dizer:—*Eis-me aqui pondo o meu arco nas nuvens*.

Em todo o caso não tem força a censura dos incredulos, que cahe por terra deante da verdadeira hermeneutica.

Não ignoramos a maneira por que se produz o meteor luminoso que chamamos arco iris. Comtudo nós não conhecemos bem as suas causas, apezar do que dizem os naturalistas. Supponmos que ellas existem; mas ninguem poderá negar que por vontade do seu auctor ellas podem variar.

De qualquer sorte que seja, este phenomeno é tal, que não haverá pessoa

sobre quem não faça impressão, e que não conceba immediata e repentinamente ideia ou lembrança d'um Deus, Auctor da natureza.

A promessa de não mais alagar o mundo, feita a Noé, tem-se verificado; effectivamente, quando apparece o arco iris, nunca a chuva é muita.

Mas, dizem certos criticos, o meteor luminoso é um signal de chuva. Como, pois, indica que cessará a inundação? Parece ridicula uma tal affirmativa! . . .

Respondemos que, ainda que o arco iris seja signal de chuva, porque apparece na occasião da chuva, da parte opposta ao sol, mostra a observação que nunca chega a uma inundação, como no tempo de Noé; e por isso é um signal certo que nos assegura contra o receio d'um novo diluvio.

Nada se pôde, pois, oppor que tenha a menor consistencia: a palavra de Deus permanece sempre firme, e a mesma physica a comprova.

Aqui fez epocha a *Religião Natural*, pois uma nova alliança houve de Deus com Noé e seus filhos com quem tratou de viva voz.

P.º João Vieira Neves Castro da Cruz.

SECÇÃO CRITICA

A'cerca da festividade de Nossa Senhora da Guia no Avellar

Pemos a pagina 84 do corrente anno d'esta Revista:

«Os catholicos de Bañolas, altamente feridos em seus sentimentos religiosos, levantam energeticamente sua voz para protestar contra o mercado que tem lugar n'esta villa no mesmo dia da Immaculada Conceição, Padroeira das Hespanhas. Essa especie de profanação, devida a mesquinhos interesses, lança uma nodoa assaz vergonhosa nos brazões d'esta villa que sempre provou os seus sentimentos religiosos.»

A proposito d'este curto mas energico protesto, lembra-nos que, se todos os catholicos nas circumstancias dos religiosos bañolanos sizessem iguaes protestos e as respectivas auctoridades os attendessem, não teriam os propagadores da irreligião e da descrença que dizer contra as festividades religiosas para melhor conseguirem seus torpes fins.

Elles, os apostolos da mentira, que aboccanham e redicularizam tudo que cheira a religião e a crença, a moral e a moderação. . . que irão fazer ás festividades religiosas aonde ha mais que a festa de Igreja, aonde ha um arraial? . . . Exercer o seu officio. E o seu

officio é promover ou fazer promover desordens de toda a especie e grandura, immoralidades sem fim, escandalos sem conto. . . para no outro dia, com falsos commentarios de pseudos moralistas, assoalharem a sua obra com algum augmento nas columnas d'um papel qualquer, para que os que não souberam saibam, e os que não ouviram oçam; porque, quem ouve o mal aprende o bem, e quem ouve o bem aprende o bem. Mas elles, os vandalos da moral e dos bons costumes, os exterminadores da crença religiosa, os falsos apologistas do povo que os não conhece, porque se os conhecera os detestava, fingem que não conhecem esta grande verdade, fazendo ver ao povo nescio ou de má vontade que é ouvindo a negra historia do mal que o bem se aprende.

De mais sabem elles que as más practicas preparam sentimentos identicos, mas é isso mesmo o que elles querem. De mais sabem elles que depois d'uma tão desbragada como stulta e miseravel liberdade infrene. . . é indispensavel um Napoleão e ás vezes um Nero. De mais sabem elles que a religião é, por assim dizer, o unico freio dos povos e a mais doce e consoladora esperança do homem sobre a terra; e, se o não sabem, perguntem-n'o ao impio Paulo Bert, que á hora extrema tremia arrependido. (Carta de Mgr. Pinaud, Bispo de Hésou, ao Cardeal Simeoni.) De mais sabem elles que áquella tremebunda hora em que tudo se deixa. . . em que tudo é nada, em que nada é tudo. . . não ha nem pode haver atheus, porque cada atheu é. . . o Deus de si mesmo. . . e á ultima hora. . . necessariamente ha de reconhecer a sua insignificancia. . . tremendo e tremendo; mas acostumados a uma vida suinamente licenciosa. . . pensam: Emquanto dura. . . dura!

Deixemol-os e prosigamos:

Nas circumstancias dos religiosos bañolanos estão os catholicos de muitas terras de Portugal. Fallemos d'uma nosa visinha:

Entre a villa d'Ancião e a de Figueiró dos Vinhos fica o Avellar, bonito, grande e rico lugar do bispado de Coimbra, que bem merecia a classificação de villa, aonde no segundo domingo de cada mez se faz uma boa feira, e no primeiro sabbado e domingo de cada setembro ha uma grande festividade a Nossa Senhora da Guia.

Ao lado esquerdo da Igreja ha um bonito e grande largo quadrado recentemente arborizado, que já na sexta-feira fica repleto de tendas para botelins, tabernas, quinquilherias, ourives, pannos, etc. Afflue alli gente de toda a idade e laia, e de varios pontos, como de Ancião, do Espinhal, de Coimbra, de Figueiró dos Vinhos, de Condeixa,

de Miranda, da Souzan, da Castanheira, da Covilhan, do Pedrógão, de Thomar, etc., etc.

No sabbado e no domingo, pondo de parte a festividade, é uma nojenta balburdia, um perfeito pandemonio!... Bebe-se, pula-se, grita-se, insulta-se, desordeia-se, bate-se, dança-se, etc. e tal, não obstante uma força militar, ás vezes de capitão, que alli tem vindo sempre, á excepção do anno proximo findo, que nem por isso foi dos peores, graças a Deus.

E é tão notavel o desconcerto de ideias que até, segundo nos dizem, mas do que devemos duvidar, alguns reverendos se teem *intercalado* nos bailaricos que — n'aquelles dias — n'alguma *caza semiparticular* encontram por acaso, porque a maior parte da população dança no largo em grandes rodas.

De tudo isto advem um mal enorme á religião e á boa moral, mal tão grande e tão obvio que só quem o não quer ver o não vê. Ora este mal não é facil de extirpar-se, porque é tão proprio dos grandes ajunctamentos como digno d'elles; mas... podia comtudo evitar-se o mais escandaloso, separando os taes mesquinhos interesses de que os bañanos se queixam, da festividade religiosa, se as auctoridades e os principaes de Figueiró e do Avellar assim o entendessem.

E' sabido que um velho costume popular custa a arrancar, mas deve igualmente saber-se que o tal interesse só poderia soffrer um ou dois annos, o maximo, que tanto bastaria para o povo encarrear, quebra que nada representaria perante o que com ella ganharia o culto religioso, ficando assim para sempre apartado das stultas irreverencias d'uma grande massa de povo que compra e vende, que bebe com excesso, e que passa aquellos dois dias como em muitas terras se passam os trez do carnaval, fazendo escancarada e bruta guerra á decencia, á moralidade, ao boim gosto e até ao senso commum!

Se a festividade é no sabbado e no domingo, começasse a feira na segunda e durasse, em vez de dois dias, quatro... até se fartarem de... comprar e vender; porque, d'esta fórma, não diriam os exterminadores do ultimo sentimento moral e religioso no dia seguinte, como costumam dizer:

«Lá houve pancadaria velha na festa de tal; lá se fez, lá se aconteceu!»

E no fim, como para dizerem ao que vêem ou o que querem:

«E' o que deixam as mascaradas religiosas, é o que fazem os corruptores do povo, os obscurantistas ociosos, os tonsurados de manteu, etc., etc., com o seu velho modo de vida!»

Mas não dizem que são elles que as promovem em toda a banda e por to-

dos os meios possíveis, especialmente com seus pessimos ensinamentos, aproveitando-se tambem, quando calha ou fazem calhar, da estulta balburdia das feiras nos dias das festividade religiosas—isso não. Antes, pelo contrario, se forem auctoridade competente e lhes for pedida a mutação dos dias d'uma feira qualquer por inconveniente nos da festa religiosa, serão capazes de indeferir a petição e de appellidar os requerentes de fanaticos com F grande e de atrasados em *civilisação*, como não ha muito ouvimos dizer a um com uma certa dor de quem quer e não pode, e com um certo riso de quem não peza o que diz:

Disse elle fallando-se em religião:

«Que atrazo este! A coisa tem progredido... tem progredido... Mas quando estará Portugal completamente civilisado!?!... E a Hespanha!... A Hespanha ainda tem povos inteiramente selvagens!!... Mas hade ir indo, hade ir indo!!...»

A coisa é obviissima, e com esta, ponto:

Os povos inteiramente *selvagens* da Hespanha e os não completamente *civilisados* de Portugal, são, indubitavelmente, segundo o significado de—civilisado—que a *Rev publica* dá á palavra—selvagem—os povos mais *morigerados*, mais religiosos e mais civilisados da Hespanha e de Portugal, não são, snr. Vi...? São, são, são!

E enquanto nos não disser porque uns não estão ainda completamente civilisados, e porque outros são ainda inteiramente selvagens... ficaremos n'isto, sim, snr. Vi...?

Alves d'Almeida.

SECÇÃO LITTERARIA

o marinhoiro

(BARCANOLA)

Minha barca, meu thesoiro,
fende os mares, vae além!...
Vejo sempre o astro d'oiro
a dizer-me:—filho, vem!...
Minha barca, meu thesoiro,
fende os mares, vae além!

Não invejo os bens da terra
que nos trazem desventura!...
Sobre o mar o peito encerra
mil segredos de ternura!...
Não invejo os bens da terra
que nos trazem desventura!

Eu não temo a vaga altiva,
nem das ondas o furor:
sua vista me captiva
que é sublime o seu amor!
Eu não temo a vaga altiva,
nem das ondas o furor.

Tenho noites d'almo goso
vendo a barca a velejar!
E' mais livre este repouso
sobre as aguas d'alto mar.
Tenho noites d'almo goso
vendo a barca a velejar!

Quando surge a meiga aurora
sinto n'alma a voz de Deus;
minha fronte não descora
ante a luz, e o mar, e os ceus!
Quando surge a meiga aurora
sinto n'alma a voz de Deus!

Minha barca, meu thesoiro,
fende os mares, vae além!...
Vejo sempre o astro d'oiro
a dizer-me:—filho, vem!
Minha barca, meu thesoiro,
fende os mares, vae além!...

Madeira.

Joaquim Pestana.

SECÇÃO ILLUSTRADA

I

S. Thomaz d'Aquino, Dr. da Igreja

Quando hoje na plana primeira do presente n.º o retrato do grande lumiar da Igreja, do extraordinario genio, que é ainda hoje, como hade ser sempre, o mestre e guia de todos os sabios, (dos verdadeiros sabios), prestamos um preito ás Ordens Religiosas, porque são ellas que crearam intelligencias como a de S. Thomaz d'Aquino. E para dar a nossos leitores uma idéa do que foi este santo, transcrevemos do *Anno Christão*, do sabio jesuita Chroisé o artigo que segue:

«S. Thomaz, lustre e ornamento do estado religioso, um dos mais brilhantes luminares de todo o mundo, um dos maiores Santos e dos mais esclarecidos Doutores da Igreja, era italiano, d'uma das mais nobres familias do reino de Napoles.

Landulpho seu pae pertencia á illustre casa dos condes de Aquino, entroncada com os reis de Sicilia e d'Aragão; e Theodora sua mãe era filha do conde Chieti, descendente dos principes normandos, que tinham conquistado outr'ora os reinos de Napoles e de Sicilia.

O nosso Santo veio ao mundo no mez de março de 1225, no castello de Rocca-Sicca, pouco distante da cidade de Aquino. Pozeram-lhe o nome de Thomaz, de conformidade com o que tinha annunciado um santo eremita, prognosticando a alta santidade d'aquelle menino e os importantes serviços que viria a prestar á Igreja.

Não tardou em confirmar-se o vaticinio d'este homem de Deus com um successo singular. Notou um dia a ama que o creava, que o menino tinha um papelinho na mão, e quiz tirar-lh'o. O pequenino Thomaz, que só contava um anno, apertou-o tanto entre as mãosinhas, chorou e affligiu-se de tal modo, que ella se viu precisada a desistir do intento. Presenciando isto a mãe, desejou saber o que o papel continha, e tirou-lh'o á fôrça. Que surpresa não foi a sua ao vêr n'elle escriptas as palavras: Ave, Maria!

Redobrou o menino os vagidos e os gritos, sendo preciso restituir-lhe o papel para se calar; mas elle apenas o tornou a ver nas suas mãos, levou-o immediatamente à bocca em attitudo de o engulir.

O natural feliz do nosso ditoso joven quasi nada deixou que fazer à educação. Antecipava-se às instrucções o seu pendor genial para a virtude. Todos os seus divertimentos reduziam-se ao estudo e à oração; o que fez com que o

meio da corrupção do seculo; mas tendo o naufragio, demandou porto seguro.

Foi este a celeberrima Ordem dos Prégadores, que, comquanto novel ainda, enchia já o mundo com as maravi-



BASILICA DA ESTRELLA, EM LISBOA

Tão estranho facto, que várias pessoas testemunharam, fez julgar a todos que o menino Thomaz viria a ser um grande santo e um fidelissimo servo de Maria.

Para secundar as inclinações de Thomaz, que todas convergiam para a piedade, seus paes mandaram-no aos cinco annos para o mosteiro do Monte-Cassino, affim de ser alli educado.

abbade aconselhassé o pae do nosso Santo a mandal-o para alguma universidade.

Thomaz estudou humanidades e philosophia com grande distincção; porém os seus grandes progressos nas letras humanas ficavam muito áquem dos que ia fazendo cada dia na sciencia dos Santos.

Conservou toda a sua innocencia no

ilhas que obrava, e renovando o antigo esplendor do estado religioso, edificava então, como edifica ainda hoje, toda a Egreja, com as grandes virtudes dos seus esclarecidos filhos, com a sua profunda sabedoria, e com os fructos do seu zêlo verdadeiramente apostolico.

Foi o nosso Santo recebido no convento de Napoles, aos dezoito annos de idade; e logo desde os primeiros dias do

noviciado era modelo da perfeição religiosa.

Fez pasmar o mundo, pouco acostumado então a semelhantes exemplos, o retiro d'um joven d'aquella qualidade e d'aquellas esperanças. Seus paes ficaram attonitos.

Sabendo o noviço que sua mãe se encaminhava para Napoles com o intuito de o tirar da religião, pediu ao prior que o enviasse para Roma. Alli o seguiu a afflicta senhora, e não o encontrando, porque os superiores o tinham mandado para Pariz a fim de concluir os seus estudos, não desanimou nem desistiu do empenho.

(Continua).

II

Agar no deserto

A nossa segunda gravura é copia d'um quadro esplendidamente bello, que orna a vasta galeria do Louvre, em Pariz. É obra de Francisco Mola, e está pintado em cobre.

O pensamento é formoso, os traços primorosamente delineados, e como obra d'arte é digno, este quadro, da estima em que é tido.

Quanto ao assumpto parece que o auctor errou um pouco, pois que a Biblia nos diz, que Agar, escrava de Sara, mulher de Abrahão, concebera d'este um filho, e que, por este facto despresara a sua senhora sendo depois, por ella maltratada, o que a levou a fugir, embrenhando-se durante muito tempo no deserto, onde um anjo lhe appareceu, mandando-a voltar para junto de Sara. Ella voltou, e foi depois que deu à luz o filho, a que poz o nome de Ismael, conforme determinação do anjo.

Não podia, por tanto, Agar ter junto de si Ismael, quando o anjo lhe appareceu no deserto, visto que só depois o dera à luz.

Seja como fôr, o quadro é, como obra de arte esplendido, e é por isso que o offertamos a nossos leitores.

III

Basilica da Estrella, em Lisboa consagrada ao SS. Coração de Jesus

Satisfazendo ao pedido de alguns de nossos amigos e correspondentes auxiliares, que desejam possuir na edição de luxo algumas das principaes gravuras que teem saído nos annos anteriores, bem mal gravadas, damos hoje a gravura da igreja da Estrella, e faremos por dar mais algumas; mas declaramos que muitas d'ellas as não daremos porque as não temos, ou porque se inutilisaram com a grande tiragem que se fez.

Do artigo que n'outra eccasião publicamos, tiramos o seguinte, para

que sirva de explicação da gravura aos novos assignantes:

«A rainha D. Maria I, fizera voto de erigir um templo magestoso ao Sagrado Coração de Jesus, se tivesse successor à corôa; realisados os desejos da piedosa soberana deu-se principio ás obras no dia 24 de outubro, de 1779, e 11 annos depois, em 15 de novembro de 1790, era concluido tão arrojado monumento, tomando posse d'elle as religiosas carmelitanas, ou de Santa Thereza de Jesus.

O vasto edificio ergue-se n'um formoso adro, para o qual dá entrada ampla escadaria rodeada de columnatas. A fachada é formosissima e elegante, como a nossa gravura mostra. Tres portas dão entrada para o templo, entre as quaes se levantam quatro columnas, sob que se elevam as estatuas da Fé, Adoração, Liberalidade e Gratidão, e aos lados em nichos as de Santa Thereza de Jesus, Santo Elias, Santa Maria Magdalena de Pazzi. No envasamento das torres abrem-se duas outras portas que dão entrada e serventia para o convento.

O zimbório que parece rasgar as nuvens, eleva-se magestoso e elegantemente por sobre todos os edificios da capital, podendo ser visto de todas as partes da terra e por todos os viajantes que chegam à barra de Lisboa. Como o zimbório são as torres moldadas pelas da basilica de Mafra, offerecendo o aspecto mais bello, mais formoso que se possa imaginar, comportando onze sinos harmoniosissimos e de colossal grandeza, pezando o que bate as horas 275 arrobas!

Adornam o vestibulo da igreja as estatuas de Nossa Senhora e S. José, e as paredes, e o pavimento do templo, são vestidas de tão variegada collecção de marmores, que, pôde dizer-se, que está alli a mais completa exposição de marmores, dos mais apreciados. É uma formosura o interior do templo.

Na capella-mór, guardando o throno, admiram-se dois anjos de aprimorado trabalho, e pôde ver-se tambem, do lado da Epistola o tumulo da fundadora.

Decoram os seis altares do corpo da igreja quadros de grande valor artistico, sendo um d'elles, o do Coração de Maria, pintado pela princeza do Brazil, D. Maria Benedicta.

Toda a obra de esculptura no interior é feita pelo celebre Joaquim Machado de Castro, auctor da estatua equestre, assim como os baixos relevos da frontaria. Tem o convento outra fachada, não menos bella que a da frente, a qual dá para a cerca do convento.

Este monumento nacional, este padrão que attesta a todas as gerações a piedade de uma rainha de Portugal, custou 16 milhões de cruzados!!»

O anno passado o santo governo que

nos governava, que não era mais santo que o que hoje nos governa, morta a ultima religiosa, poz tudo no olho da rua e, com a rapacidade costumada, empalmou tudo!

Não sabemos ainda o que o governo fará da igreja, convento, etc., etc.

R.

RETROSPECTO DA QUINZENA

GUIMARÃES teve no dia 26 do passado uma visita honrosissima, das que mais honrosas são. Pelo meio dia entrava n'esta cidade o Ex.^{mo} e Rv.^{mo} Snr. D. João Rebello Cardozo de Menezes, Arcebispo de Larissa, e coadjutor e futuro successor do Ex.^{mo} Rv.^{mo} Snr. Bispo de Lamego.

S. Ex.^a Rv.^{ma} foi acompanhado da estimação do caminho de ferro por muitas pessoas, senhoras e cavalheiros da mais alta sociedade vimezanense, atravessando a cidade sem que se soubesse, por que a saber-se decerto o povo se apinharia á sua passagem.

Depois de poucas horas de demora na cidade, partiu o virtuoso Prelado para a quinta da Portella, propriedade de sua irmã a Ex.^{ma} Snr.^a D. Antonia Rebello, onde conta demorar-se algum tempo a descansar das fadigas do cargo que deixou em Lisboa, e que tão bem soubera desempenhar. Ainda que S. Ex.^a Rv.^{ma} procurára o remanso da aldeia para rehver as forças perdidas, para se livrar de visitas, nem por isso obistou a que as pessoas que o estimam e veneram, fossem a Portella endereçar-lhe seus respeitos, vendo-se a estrada sempre cruzada de carruagens que iam e vinham.

De Braga vieram logo algumas pessoas visitar S. Ex.^a Rv.^{ma}

E não podia Guimarães, que pôde dizer-se a patria de tão virtuoso Prelado, deixar de demonstrar-lhe o seu affecto, quando Lisboa, lhe fez uma despedida digna d'um principe da Igreja. A' gare despediram-se de S. Ex.^a Rv.^{ma} o Ex.^{mo} Nuncio de S. Santidade, Bispos de Thermopitas e Bethsaida, Monsenhor Alfredo Elviro dos Santos, Conegos, Priores da cidade e grande parte da primeira nobreza do reino.

O nosso esclarecido collega lisboense, A Nação conclue a noticia da partida de S. Ex.^a Rv.^{ma} com o seguinte, que muito nos apraz transcrever:

«O testemunho de respeito e sympathia prestado ao Snr. Arcebispo, não se limitou, porém, a esta manifestação; porque outras lhe tinham já sido prestadas, tornando assim bem evidente o apreço em que são tidas as virtudes de S. Ex.^a e os serviços que, como Vigário Geral, prestou ao patriarchado.

Por iniciativa do rev.^o prior de S. Vi-

cente, abriu-se, entre os parochianos da freguezia, uma subscripção com o fim de adquirir um retrato a oleo, copiado de uma photographia de S. Ex.ª Rv.ª

Na vespera da partida do Snr. Arcebispo, foi-lhe o retrato entregue por uma commissão dos offerentes, o que foi uma surpresa para S. Ex.ª, que lhe provocou um eloquente e sentido improviso.

Tambem, antes, já os Ex.ªª Condes de S. Martinho haviam dado, em honra do Snr. Arcebispo, um jantar de despedida, a que assistiram os parentes mais proximos de Suas Ex.ªª

O banquete foi, como costumam ser as festas d'aquella casa: opulento e finissimo, e servido em antiga e primorosa baixella.»

De anno para anno vae crescendo n'esta cidade a devoção para com a SS. Virgem no mez de maio. Este anno fazem-se os exercicios do Mez de Maria em sete partes, e não é muito, pois que os templos são cheios de fieis. Bom era que ainda se fizesse em mais egrejas.

E' bom que se propague tão sympathica devoção, porque quantas mais forem as egrejas onde se celebrem os piedosos exercicios mais serão os devotos da Virgem Senhora Nossa, e mais, por tanto, os beneficios espalhados. Os exercicios celebrados na Misericordia pelas Filhas de Maria são os mais concorridos, são ellas as coristas, o que dá ao acto um caracter e graça especial, e são, talvez, os que se fazem com mais unção.

Já que fallamos de Filhas de Maria diremos que as pequenas Filhas de Maria do collegio de S. Francisco, tiveram no dia 29 do passado mez a sua reunião mensal, commungando todas de manhã e assistindo de tarde à conferencia feita pelo Rv.ª Padre Antonio Coutinho, que occupou por espaço de meia hora a attenção das pequeninas filhas da Virgem fallando-lhe da maneira como devemos dar graças a Nosso Senhor depois da Sagrada Communhão.

No fim da Conferencia o coro das pequenas Filhas de Maria cantou uma formosa Ladainha e Genitori, ao encerrar-se o SS. Sacramento, tendo cantado o hymno das Filhas de Maria antes da Conferencia.

Assim vae este gracioso grupo de creanças guiado pela Religião e pela Fé, caminhando pela estrada do bem, que as conduzirá certamente onde tem chegado todas as mulheres dignas, todas as mulheres que tem sido anjos do lar, boas filhas, boas esposas, boas mães, e até sublimes religiosas.

Muito agradecidas devem ser estas creanças, quando mulheres, para com as Irmãs suas directoras, e para com

as piedosas senhoras, que tão caridosamente as acompanham em suas devotas praticas.

Tambem na Ilha da Madeira se venera a Imagem de Nossa Senhora de Lourdes, se lhe fazem festas pomposas, se elevam ao céu festivos hymnos em honra da SS. Virgem. A descripção que um jornal da capital da Ilha nos dá e que em seguida publicamos, mostra assaz a devoção dos funchalenses para com a SS. Virgem Immaculada:

«Sexta-feira ullima, 25 do corrente, (março) dia em que a Santa Igreja celebra a festa da Encarnação do Verbo Divino nas entranhas da Virgem Maria, celebrou-se na capella da Penha de França, adjacente à residencia do Ex.ª e Rev.ª Sr. Bispo Diocesano, a festa de Nossa Senhora de Lourdes, havendo de manhã missa cantada e sermão, em que foi orador o Ex.ª Prelado. Foi esta festa precedida de uma devota novena com sermão. A musica religiosa foi executada pelas Snr.ª Irmãs da Caridade do Hospicio da Princeza D. Maria Amelia, coadjuvadas por outras senhoras. A capella estava bellamente decorada com vistosas flores e alegre campo.

De tarde, sahiu a procissão, que ia em magnifica ordem.

Bellos pendões se erguiam, de espaço a espaço, precedendo duas alas de meninas vestidas de branco com cintos azues, outros eram seguidos de donzelas vestidas de branco com grinaldas e cintos vermelhos. Além d'estas alas de meninas e dos pendões com as invocações da Ladainha do Loreto, seguiam a cruz da confraria muitos confrades com capas brancas e azues, dando áquelle acto um aspecto alegre e variado.

O andor vinha ladeado de meninas vestidas de branco, com veus da mesma côr. A imagem da Virgem levantava-se no meio de um bello tapete de rosas brancas e amores perfeitos, bellamente dispostos. Atraz do andor caminhava o clero e no fim ia o Rev.ª Sr. Padre Luiz Quiroga, cura da freguezia de S. Pedro, com o Santo Lenho, e logo atraz caminhava o Ex.ª Prelado acompanhado dos Rv.ª Vigarios do Porto da Cruz e de S. Roque.»

Acrescenta o nosso collega que a alegria do povo, que pejava as ruas, era indescriptivel; que de todas as janellas, dos telhados, de toda a parte choviam flores sobre o andor da Virgem! Mil parabens aos catholicos do Funchal, ainda que a alguns pareça que para se fazerem festas à SS. Virgem, não é preciso que a Imagem seja da Senhora de Lourdes, porque todas são a mesma cousa, todas representam a mesma Senhora. Ha muita gente, e boa gente aliás, que pensa assim, e alguém, menos com os olhos nas cousas do céu que nas da

terra, que, quando veem uma imagem da Virgem de Lourdes, ou ouvem fallar de uma festa em honra d'esta Santa Imagem, para logo ficam como os vendilhões das feiras, que olham de soslaio para o seu collega que se lhe vem pôr ao lado.

Ha quem veja n'essa nova devoção um concorrente a tirar a freguezia a outro! Triste, bem triste é pensar assim! Nós pela nossa parte o que queremos é que a Virgem Mãe de Deus e nossa mãe se venere, se festeje sob qualquer invocação, e porque nos não amedrontam os milagres operados na santa gruta de Lourdes, alegramo-nos sempre que de festas d'estas se falle.

Lourdes! Havemos confundir os sabios com milagres de Lourdes, visto que elles são tantos, tantos, capazes de levar á creença ainda os mais teimosos na tola teimosia de não serem em milagres. Vã este, por hoje, que foi narrado de Jéri-Kemi, povoação musulmana, ao *Diario de Lourdes*:

«Em 27 de fevereiro chegou áquella povoação o rv.ª padre Charmetant, director das Escolas do Oriente.

Tinha ouvido fallar nos milagres alcançados por intercessão da Santissima Virgem, e quiz celebrar Missa no altar privilegiado de Nossa Senhora de Lourdes.

Estava acabando de dar graças, quando appareceu uma mulher, scismatica e grega, com um par de castiçoes e uma figura de prata.

—Para que trazeis para aqui isso? lhe perguntou o ecclesiastico.

—Trago-o por mandado de uma sr.ª turca, que me pediu para lh'os trazer: ella não poderá tardar, por que vem accender as velas.

—E' para pedir alguma graça que essa sr.ª vem aqui?

—Vem manifestar o seu reconhecimento por um milagre que Nossa Senhora lhe fez.

Adoeceu gravemente de um typho um filho d'esta sr.ª; os medicos, em presença dos progressos da terrivel doença, declararam impossivel curá-lo e salvá-lo da morte.

Esta senhora afflictissima appellou para o Ceo e procurou a agua de Lourdes, para a dar a beber a seu filho o azeite da lampada para lhe dar fomentações.

N'essa mesma tarde o menino estava curado, com admiração de todos; e esta cura tão real e prompta produziu nos turcos uma profundissima impressão.»

O Snr. Quinzinho, do *Comimbricense* é capaz de, por este facto só, tocar a sineta grande dos tres pontinhos e berrear:—á do El-Rei, jesuitas, vamos á seita negra que anda a fanatisar o povo! E' capaz d'isto e de muito mais, mas, des-

mentir os milagres de Lourdes, isso é que nem elle, nem todos os da baralha foram capazes ainda. Nem de tal serão capazes nunca; mais facil será bradarem com os devotos da Virgem:—Viva Nossa Senhora de Lourdes!

O nosso SS. Padre Leão XIII, para solemnizar a festa da Paschoa da Resurreição mandou distribuir pelos pobres envergonhados de Roma 1:800\$000 réis e sessenta camas completas a outras tantas familias da cidade eterna.

E' assim que o Vigario de Jesus Christo onsiua praticamente a exercer a caridade.

Quantos rasgos de caridade como este do Santo Pontifice praticará o principe que occupa sacrilegamente a cidade dos Papas?

S. Ex.^{as} Rv.^{mas} os Snrs. Arcebispo de Perga e Bispo de Damão visitaram ha poucos dias a officina de S. José, essa instituição verdadeiramente civilisadora, porque modelada pelos salutaes ensinamentos do Evangelho, e que tanto ennobrece a cidade do Porto, immortalizando o nome do seu fundador, o Rv.^{mo} Padre Sebastião Leite de Vasconcellos.

O Ex.^{mo} e Rv.^{mo} Snr. Arcebispo de Perga, querendo patentear as alegrias que lhe iam n'alma ao visitar a primeira casa d'este genero que existe em Portugal, deixou no livro dos visitantes as seguintes linhas:

«Comquanto o trabalho seja natural ao homem, como o vôo é natural à ave (*Homo nascitur ad laborem et avis ad volandum*) foi o Christianismo que o santificou e enobreceu proclamando o necessario, util e moralizador e exaltando-o com o admiravel exemplo da Officina de Nazareth. A visita que acabo de fazer a esta Officina de S. José, despertou-me esta suavissima recordação de um Deus humanado trabalhando na modesta officina de seu Pae putativo. Aplaudo, louvo e abençoção de todo o meu coração os admiraveis trabalhos do Rv.^o director d'esta casa de verdadeira regeneração pelo trabalho e pelo cumprimento dos deveres christãos. Chovam as benções do céu sobre o digno imitador de D. Bosco, em Portugal. 17—abril—87.—Augusto. Arcebispo de Perga, coadjuctor de Evora.»

Pela sua parte o novo Prelado de Damão mandou a expensas suas dar o jantar aos recolhidos da officina.

Transcrevendo do nosso collega de Macau *A Voz do Crente*, o seguinte artigo, enviamos com elle os nossos parabens ao digo Vigario Geral o Ex.^{mo} Snr. Conego José Maria da Cruz Simeão, e associamo-nos ás alegrias dos bons catholicos macaenses.

Eis o artigo da *Voz do Crente*:

«A religião catholica, que é a religião da nossa patria e a da maior parte dos portuguezes, acaba de alcançar um triumpho em Macau.

Não ignoram os nossos leitores que, contra o rev.^{mo} sr. conego José Maria da Cruz Simeão, Provisor e Vigario Geral do bispado, e Governador ecclesiastico na ausencia do Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Bispo diocesano, se requereu um *procedimento criminal*, por causa da circular que, em desempenho de seu cargo e ministerio, publicou a 20 de novembro do anno proximo passado.

Diziam os promotores da accusação que, na sua circular, o sr. Vigario Geral diffamára os dois catholicos que n'esta cidade afixaram editaes publicos para contrahirem matrimonio civil; que atacára as leis do reino; e que citára documentos pontificios que não têm *beneficium regio!* etc., etc.

Taes foram, pouco mais ou menos, os fundamentos da accusação, que o tribunal civil julgou *improcedentes*, triumphando assim a causa da justiça e da religião, que não experimentou mais este vexame, que com tanto empenho se lhe preparava.

E' dever nosso congratularmo-nos com o rev.^{mo} sr. Vigario Geral e com todos os catholicos, mui particularmente com aquelles, que não duvidaram fazer um protesto de adhesão ás doutrinas expeditas na circular de 20 de novembro.

Tambem nós tivemos a distincta honra de firmar o nosso humilde nome no protesto, associando-nos aos illustres catholicos que o promoveram e assignaram.

E' de crêr que o rev.^{mo} sr. Vigario Geral dê agora publicidade a esse energico e bem elaborado documento, bem como à mensagem que por igual motivo lhe foi endereçada pela maior parte do clero d'esta cidade.

Bom será que o publico conheça os illustres signatarios, que não se deixaram arrastar pelo respeito humano, e souberam dar testemunho tam solemne da sua fé e do seu amor à causa da religião e da patria.»

Diz um collega nosso que está no Collegio do Espirito Santo, em Braga o sabio Padre Duparquet, Perfeito Apostolico da Cimbebesia e exemplar religioso d'aquella Congregação.

O Padre Duparquet, de uma das mais illustres familias de França, conta 25 annos de apostolado na Africa, e realizou dez vezes a travessia do continente africano. E' um benemerito da religião, um heroe. Vem descansar um pouco das suas fadigas e restaurar no aprazivel clima de Braga a saude deteriorada.

Digamos de passagem que o Padre Duparquet apesar de padre, de missionario e de religioso d'uma Ordem já il-

lustre, é um naturalista eminente. Em botanica são bem conhecidos os seus trabalhos.

E' um *ignorante*, este padre Duparquet, como são todos os frades, jesuitas, etc., etc.; porque os *sabios*, digamol-o francamente, juntaram-se todos em volta da bandeira da geringonça e do triangulo.

Já que fallamos do Collegio do Espirito Santo, desfaçamos um erro em que cairam os typos no passado n.º, dizendo que d'este collegio tinham ido 3 missionarios e 4 Irmãs auxiliares, pois que não foram Irmãs, mas Irmãos, por que no Collegio do Espirito Santo não ha nem pôde haver Irmãs.

Sendo Guimarães uma das terras do paiz que mais irmandades e confrarias possui, e além d'isso casas de caridade e asylos de beneficencia, que são o arrimo da indigencia, o ultimo refugio dos infelizes, chamamos a attenção do bom povo d'esta terra para o seguinte artigo que ha dias publicava o *Constituinte*, folha de Braga, que deve acreditar-se por ser, ainda que redigida em parte por padres e conegos, pouco dada a *fanaticos preconceitos*.

Dizia, pois, o *Constituinte*:

«A LERTA

«Como é sabido, está nomeada pelo governo uma commissão d'inquerito aos estabelecimentos de piedade e de beneficencia!

«O fim especial d'este *syndicato* religioso é obrigar as misericordias, asylos, irmandades e confrarias a entrarem com os seus capitães nas caixas geraes de deposito, e uma vez lá cahidos, as administrações d'aquelles estabelecimentos serão dominadas pela tutela dos governos, que regularão a seu arbitrio as despezas ordinarias do culto e mais obrigações.

«A lerta, pois, e acudam em quanto é tempo; toda a complacencia é criminosa.

«Não se illudam com promessas fementidas, porque o patrimonio dos indigentes e os pequenos recursos com que esta cidade costeia o esplendor do culto podem ficar amanhã nas mãos do governo que ha-de dispôr d'elles como quizer.

«As administrações dos estabelecimentos de piedade e beneficencia assumem hoje uma grave responsabilidade, se não empregarem os meios legaes indispensaveis para salvar o que lhes está confiado.

«A lerta, e cautella.»

A lerta, e cautella, bradamos nós tambem, para que o povo, o que mais interessa com essas instituições de caridade, acorde, esqueça amizades politicas e cure só dos seus interesses.

J. de Freitas.